**CÂMARA DE VEREADORES**
**MUNICÍPIO DE TIJUCAS**
**ESTADO DE SANTA CATARINA**

**Tijucas (SC), 18 de maio de 2015.**

**REQUERIMENTO Nº 074/2015**

À MESA DIRETORA:

Senhor Presidente:

O Vereador que abaixo subscreve, no uso de suas prerrogativas legais e de acordo com a Lei Orgânica de Tijucas, e com fulcro no Art. 104, do Regimento Interno, requer que seja entregue Moção de Louvor em uma sessão ordinária, à Sociedade Recreativa e Cultural 13 de Maio.

Cordialmente,

**José Leal Silva Júnior**
**VEREADOR**

APROVADO
Em UNICA Votação
22/06/15
Presidente Secretário

LIDO NO EXPEDIENTE
Sessão do 18/05/15
1º Secretário

Rua Coronel Büchelle, 181 – Centro – 88.200-000 – Tijucas – S.C.
Fone/Fax: 0xx48 3263-0921
Email: camaratijucas@camaratijucas.sc.gov.br

escolheram o Seu Minervino como presidente, pois ele era homem de confiança da família. Nesta época eu era solteiro. Na diretoria estava o seu Joaquim da Praça. A Elvira também participava. Quem cobrava os ingressos era João Custódio da Silva e Ilda Borges. Não existia carimbos, a pessoa pagava, entrava e pronto.

Os bailes eram muito bons. Os membros da diretoria cobravam a mensalidade dos sócios, organizavam os bailes, limpavam o clube, atendiam, vendiam e serviam a todos com prazer. Certo dia fui a um baile de casal no Treze, onde dancei em especial com Ilda Borges, principal ajudante da Elvira naquele velho salão de madeira, bem na esquina do lugar onde mora hoje a família de Jorge Calil.

Muitos amigos prestigiavam os antigos bailes do Clube 13 de Maio. Vinha bastante gente de Florianópolis, sempre um ônibus cheio. Naquela época os brancos não se misturavam com os negros, dançava negro com negro. Se um pisasse na festa do outro o barraco estava armado.

Eu ia com a Dona Dica, a Zeli e o Fermínio, um negro da Boa Vista que vinha dançar e trazia os filhos. O Gentil, um primo meu casado com a Ondina do seu Tomaz, também freqüentava a sociedade.

Os curiosos ficavam do lado de fora do clube, espiando nós dançar. As pessoas vinham a pé, pois poucos tinham condução. Bebíamos muita gasosa, refresco ou consertada. A pinga era meio escondida, só um pouquinho para cada um, do contrário dava confusão. Para comer eram os docinhos, cocadas, queijadinhas e as outras guloseimas da Preta Paula.

Os bailes do Minervino eram respeitadíssimos. Iam das nove da noite até às quatro da madrugada. As domingueiras começavam às três da tarde e acabavam antes da meia-noite.

A efetiva construção da sede do Clube 13 de Maio foi possível graças a um terreno conseguido pelo Dr. João Bayer Filho, a pedido dos Cherem.





## Os Novos Tempos

**Maria Luzia de Souza Lídio**

O Clube 13 de Maio tem sua raiz no salão da Preta Paula, da Joáia. Preta Paula era chamada de Tia Paula pelos mais íntimos.

Preta Paula se instalou no bairro da Joáia. Ali fincou raízes e conseguiu unir uma pequena ramificação de antigo quilombo. Nesta época era grande o número de moradores negros da Joáia.

As tradições afro-descendentes eram aqui representadas: comida caseira, doces e outras guloseimas, além das crenças religiosas, como a devoção a Nossa Senhora do Rosário, também incluindo a dança do Cacumbi como ritual em homenagem à santa. Esta dança contava com um cortejo formado na Igreja do Divino Espírito Santo até à capela da Joáia. Além do batuque, tinha a representação da rainha e a bandeira da Nossa Senhora do Rosário.

Após o culto religioso, os participantes dirigiam-se para uma casinha de madeira, pertinho da casa da Preta Paula. Era o salão onde se realizava o baile, regado pelo batuque, gaita, viola, cavaquinho, reco-reco e cuíca. Neste conjunto musical tinha uma figura representativa: o Zepelim, ou Carioca do Cavaquinho, como muitos o chamavam. Ele era o meu pai.

O salão da Preta Paula reinou por muitos anos. Com o seu afastamento, na década de 1940, um senhor passou a administrá-lo, porém não deu certo. O povo ia por causa da Preta Paula e quando ela saiu do comando ninguém mais foi pra lá. Surgiu então o Clube Guarani, que funcionava num casarão de madeira cedido pela família Cherem. O primeiro presidente foi o Seu Minervino, marido da Dona Dadá. Depois veio a Dona Elvira, uma lageana arretada e que tocou o salão por alguns anos. Com o passar do tempo também fechou.

Os negros de Tijucas ficaram por algum tempo sem um local próprio para dançar. Os poucos bailes aconteciam nas casas ou em salões de

comunidades próximas, como Porto Belo, Sertão do Trombudo, Morretes e Biguaçu.

Por fim, com a ajuda de algumas lideranças, seu Minervino conseguiu criar o Clube 13 de Maio. Nessa época o Dr. João Bayer Filho ocupava o cargo de secretário de estado da Fazenda e viabilizou a doação de terras para algumas entidades de Tijucas, entre elas o Treze. Seu Minervino foi o primeiro presidente empossado.

A inauguração do Clube 13 de Maio foi marcada por um baile de gala. As damas vestiram-se de branco, rosa e azul. Os cavalheiros de terno e gravata. Foi uma cerimônia chique para a época. Só contava com elementos da raça negra. Casais de jovens foram padrinhos, com direito à valsa inaugural.

Os brancos assistiam o desenrolar das festividades pelas janelas ou do botequim, que tinha uma portinhola que permitia ao pessoal do lado de fora comer e beber, ajudando assim na renda do salão.

Depois de alguns anos, após encerrar o mandato do Seu Minervino, o clube passou de mão em mão. Num período o meu marido José Lídio assumiu a presidência. Na verdade a nossa família instalou-se em uma construção ligada ao prédio do clube. Nesta época a permanência dos dançarinos foi se tornando fraca e a diretoria aos poucos abandonando o cargo. O clube caiu numa decadência geral, chegando ao ponto de abandono. Por fim, quase em ruínas, o prédio já estava sendo usado por andarilhos.

Um dia um milagre aconteceu: o prédio foi permutado por outra área. Hoje o clube conta com uma sede social, digna de louvor à raça negra de Tijucas, com a denominação de Sociedade Recreativa e Cultural 13 de Maio.

Inexplicavelmente, com o passar dos tempos os negros foram se ausentando do Treze. Na fase da discoteca, os negros mais velhos afastaram-se de vez e a presença de jovens brancos se fez marcante no final das reuniões dançantes. Passou a ter mais brancos que negros no





salão. Nada contra, absolutamente, só que na escritura do Clube 13 de Maio reza o seguinte:

"A sociedade pertencerá à comunidade negra, enquanto a mesma sobreviver regida por uma diretoria. Por abandono pela raça, a mesma pertencerá a uma sociedade beneficente".

Na época do registro este documento dizia que a entidade a ser beneficiada com o abandono da diretoria seria o asilo dos velhinhos. O terreno não poderia ser vendido, apenas permutado. Hoje, o antigo terreno pertence ao novo proprietário e a sede social atual continua com os mesmos requisitos da época de posse.

## Dadá e Minervino

**Zeli Costa e Neusa Maria Rita**

A nossa história começa no bairro da Praça, lá nas proximidades do Pirão com Lingüiça, onde foram assentados alguns ex-escravos na época da Abolição, entre eles um chamado Bernardo Luiz da Silva.

No século passado havia em Tijucas uma escrava chamada Gregória, de quem pouco se sabe. Gregória teve uma filha chamada Maria Gregória, que casou com Bernardo Luiz da Silva. Junto com seu irmão Melim e outros negros, trabalhava para o velho coronel Gallotti. A família de Bernardo era oriunda de Porto Belo.

Maria Gregória e Bernardo tiveram 10 filhos: José Bernardo, Jardelino, Doraci, Adi, Maria, Gentil, Odílio, Zenaide, Laura (Lalá) e Dorvalina, a dona Dadá nossa mãe. Ela nasceu aos 24 de fevereiro de 1907, lá no final da rua Lauro Müller, onde Bernardo, o seu pai, viveu boa parte da vida.

Bernardo Luiz da Silva, "o negro Bernardo dos Gallotti", cuidava das carroças, charretes, carros de mola e dos animais de montaria.

Dadá cresceu no bairro da Praça, porém estudou no antigo Grupo

aconchegante.

Era bom freqüentar o Treze. Os encontros com as pessoas que vinham de fora eram maravilhosos, amizades que até hoje são cultivadas. O que mais nos marcou foram os bailes de gala, onde as moças usavam vestidos longos, deixando-as mais belas. Os rapazes, então, compareciam impecáveis.

Foi nas dependências do Clube 13 que aconteceu a festa de casamento da nossa irmã Ivete Laura Ramos, em 1988. Foi uma agradável e alegre recepção.

Nós, os afro-descendentes, devemos nos engajar mais na conquista de fazer crescer essa sociedade, que é nossa. O Treze foi administrado por pessoas boas, inteligentes, honestas, guerreiras, esperançosas e felizes por terem condições de fazer algo pela comunidade negra tijuquense. Pessoas como nossos tios Minervino e Dadá, Alfredo, Altino, Irma, Veiga, Terezinha, Maria Luzia, Zé Lídio, Bola, Lula e tantos outros.

A todos esses baluartes do Clube 13 de Maio deixamos os agradecimentos da comunidade negra de Tijucas.




Sede anterior do Treze, inaugurada em 1985 e demolida 20 anos depois.





## A História do Treze

O Clube 13 de Maio de Tijucas surgiu no começo do século XX, por iniciativa da Preta Paula. Por volta de 1944 o empresário Antônio Cherem cedeu um imóvel para a instalação do Clube Guarani, no cruzamento das atuais ruas 13 de Novembro e Joaquim José Santana, no centro da cidade. Constituiu-se uma diretoria formada exclusivamente por negros, mas o clube acabou sendo dirigido por Elvira Silva e Ilda Borges, ganhando então o nome de Clube 13 de Maio. Alguns anos mais tarde, na época ocupando o cargo de secretário da Fazenda do Estado de Santa Catarina, o Dr. João Bayer Filho conseguiu um terreno e recursos para a construção de um novo clube, desta vez no cruzamento das avenidas Bayer Filho e Hercílio Luz. Esta sede foi inaugurada em 13 de maio de 1953. Em 1984 esta edificação foi substituída por uma nova sede, no mesmo local, inaugurada em 13 de maio de 1985.

Em 1999 teve início uma negociação que resultou na permuta do imóvel da entidade por uma nova sede, inaugurada em 13 de maio de 2005.



Antônio Cherem, sua esposa Maria e a filha Féfida

Dr. João Bayer Filho



# Presidentes do Clube 13 de Maio



**Minervino Geraldo da Costa**
13/05/1953 - 23/04/1958



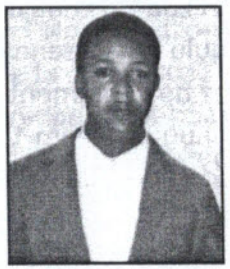
**José Lídio**
23/04/1958 - 13/05/1962



**João Custódio da Silva**
13/05/1962 - 03/04/1967



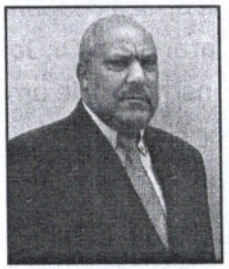
**Zilto Zótico**
03/04/1967 - 26/11/1968



**Jorge Manoel Conceição**
25/11/1975 - 25/05/1983



**Celestino Venâncio**
25/05/1983 - 12/11/1989



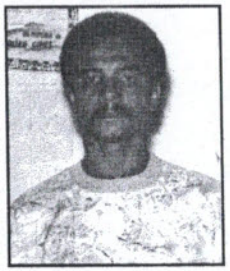
**Luís Carlos de Campos**
12/11/1989 - 17/01/1993



**Altino Estevão Faial**
17/01/1993 - 06/06/1993



**Renato José Lídio**
22/07/1993 - 29/05/1994



**Osvaldo Cordeiro**
29/05/1994 - 20/02/1999



**Alfredo Braz de Souza Júnior**
26/11/1968 - 25/11/1975
22/02/1999 - 29/10/2000



**Mário Jonas da Costa**
29/10/2000 - 19/04/2002



**João Custódio da Silva Júnior**
19/04/2002 - 21/02/2003



**Alfredo Gregório Cardoso**
21/02/2003 - 13/05/2007

Angelo Ramos

marcos Aurelio

Luciano Muniz Souza (atual)